



## ENSAIOS PARA A QUEDA

---

EDIÇÃO

França e Gorj

REVISÃO

André Caramuru Aubert

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Murilo Guerra

EDIÇÃO

1ª Edição, 2017

---

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

F254e      FATURETO, Fernanda. 1982  
Ensaio para a queda  
Fernanda Fatureto  
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2017.

70 P. : 21 cm  
ISBN 978-85-5833-xxx-x

1. Poesia I. Título

CDD.: B869.1

---

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura Brasileira



editora  
penalux  
.com.br

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

A reprodução de qualquer  
parte desta obra só é  
permitida mediante  
autorização expressa do  
autor e da Editora Penalux.

EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39,  
Guaratinguetá, SP, 12500-260



# 1. Travessias



## I

O campo árido que atravesso  
Trajeto primevo daquilo que me habita –  
Palavra ante palavra no terreno fértil do verbo  
Enquanto se espera sob o Sol a claridade cortante  
do sentido.

Realizo ensaios para a queda tal qual a última noite  
de uma estrela cadente;

Céu estático onde nuvens pairam suspensas sem  
que a chuva molhe o chão.

Tempo fértil para chorar,  
ainda sim o choro ao molhar o rosto  
ressente os grilhões do que cala e permanece em  
silêncio.

## II

Já é tempo para amar  
A estrada me pertence como lamparina acesa  
– lusco-fusco febril –  
Regem os passos diante do futuro.  
Antevê-lo sempre à espera  
A contar as horas do silêncio.  
O corpo a deitar sobre Hera,  
Prometeu nos deu o fogo enquanto instante:  
Não há nada a temer.  
Ensaio tropeço a não ser no sonho,  
Este me guarda enquanto  
Ciclo infinito indo e vindo sobre o Nada.

### III

Ações mínimas preenchem o dia,  
Um rio passou pela cidade e deixou seu rastro  
A vergonha de existir numa dor que não nos cabe  
Ficamos rubros ao olharmos no espelho.  
Como encarar estranhos na calçada,  
Manter o ritmo acelerado,  
Arcar com a consequência de estarmos ali  
Entregues ao que o acaso ditar – como vento,  
Soletrar a alvorada, refazer o papel das folhas  
Reconfortar o corpo na entrega.

## IV

É necessário saber calar,  
Destituir discursos vazios,  
Procurar pelos vãos.  
Abrir a pequena porta para a rua,  
Reconhecer os seus dentre múltiplos não:  
São poucos.  
Erguer a cabeça em meio a multidão de acordes,  
Rechaçar a resposta fácil que virá: quem és tu?  
Olhar-se no espelho e mirar o rosto farto de  
passado,  
Camada ante camada,  
Identidade tecida como Moiras que se apegam à  
memória do tempo.

## V

Ruínas, conheço todas.

Cada miragem nutre a vertigem do gesto,

Cascalhos no chão,

Ensaaios para a queda.

O tom de cada imagem avermelhada quando

anoitece

Envelhece.

Cada agudo mínimo que o pássaro sencilha no

horizonte

Recorda o corpo deitado;

Rubra carne ante o abismo.

## VI

Deixei toda a dor para trás  
Mas os anos do descobrimento me acompanham:  
Flores entre o nascer da consciência,  
Um mundo novo que se abre em fenda,  
O desvelamento da identidade que lhe coloca  
diante das escolhas.  
Escrever como martírio e salvação,  
Caligrafia fina por sobre a pele dos fatos.  
Não se cura a vida de si mesma,  
Tece o corpo no tempo-espço do verbo  
Enquanto o céu continua o mesmo a velar sobre  
nós.